

Lélia Maria Parreira Duarte
Paulo Motta Oliveira
Silvana Maria Pessôa de Oliveira
(organizadores)

ENCONTROS PRODIGIOSOS

Anais do XVII Encontro de
Professores Universitários Brasileiros
de Literatura Portuguesa

Volume II

Belo Horizonte
FALE/UFMG e PUC Minas
2001

ABRAPLIP – Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa

Diretoria

Presidente: Maria Aparecida Santilli (USP)
Vice-Presidente: Lélia Parreira Duarte (PUC Minas)
Primeiro Secretário: Paulo Motta Oliveira (UFMG)
Segundo Secretário: Elêusis Míriam Camocardi (UNESP/Assis)
Primeiro Tesoureiro: Maria Luíza Ritzel Remédios (PUC-RS)
Segundo Tesoureiro: Silvana M. Pessôa de Oliveira (UFMG)

Conselho Consultivo

Alamir Aquino Corrêa (UEL)
Benjamin Abdalla Júnior (USP)
Cid Seixas (UFBA)
Eunice Gai (UFSM)
Gilda da Conceição Santos (UFRJ)
José Rodrigues de Palva (UFPE)
Maria de Lourdes Netto Simões (UFES)
Maria do Perpétuo Socorro Simões (UFPA)
Maria Lúcia Dal Farra (UFSE)
Suely Fadul Villibor Flory (UNESP/Assis)

Capa: Sebastião Nunes

Projeto gráfico e editoração eletrônica: Marco Antônio e Alda Durães

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias da FALE/UFMG

E56c Encontro de Professores Universitários Brasileiros de
Literatura Portuguesa (17. : 2000 : Belo Horizonte , MG)
Encontros prodigiosos: anais do XVII Encontro de
Professores Universitários Brasileiros de Literatura
Portuguesa / Lélia Maria Parreira Duarte, Paulo Motta
Oliveira, Silvana Maria Pessôa de Oliveira (organizadores).
– Belo Horizonte : FALE/UFMG : PUC Minas, 2001.
2v.
ISBN: 85-87470-19-1
1. Literatura portuguesa – História e crítica – Congressos.
2. Literatura brasileira – História e crítica – Congressos. I.
Duarte, Lélia Maria Parreira. II. Oliveira, Paulo Motta. III.
Oliveira, Silvana Maria Pessôa de. IV. Título : Anais do XVII
Encontro de Professores Universitários Brasileiros de
Literatura Portuguesa. V. Título.

CDD : 869.07

Partes de nós: uma leitura de *Partes de África*, de Helder Macedo

Margarida Calafate Ribeiro¹

Os estudos pós-coloniais têm mostrado que o colonialismo, na sua vastíssima extensão, não foi um movimento de sentido único, pois tanto os países que foram objeto de colonialismo como as metrópoles que o exerceram foram largamente tocados pelo fenómeno. Nesta linha, ambos foram reestruturados por esse fenómeno capital na história do nosso século que foi a descolonização, o que obviamente não equivale a dizer que ambos são pós-coloniais no mesmo sentido, como sublinha Ania Loomba em *Colonialism / Postcolonialism*. Pós-colonialismo articula-se com a problemática de centros e periferias – e todas as gradações relacionadas com estes conceitos – em que se ordena o mundo pós-colonial, e portanto com factores económicos, sociais, políticos, culturais e históricos que têm representações diferentes conforme os espaços em que se situam. Nos países anteriormente colonizados, pós-colonialismo não tem só a ver com a transferência do governo, mas, entre muitas outras coisas, com as interpretações que podemos fazer hoje do quanto os movimentos anti-coloniais nem sempre representaram os interesses do povo colonizado. Nas antigas metrópoles liga-se a um refazer de um espaço e de uma imagem nacional que deverá integrar as diferenças que a sua aventura imperial produziu, não como margens, mas como parte de uma

¹ Agradeço ao Programa *Praxis XXI*, ao Instituto Camões e à Fundação Calouste Gulbenkian as condições que me proporcionaram para participar no *XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa* que decorreu na PUC Minas e na Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, de 16 a 20 de Agosto de 1999 e onde este texto foi apresentado.

sociedade multicultural que emerge da descolonização e do país regressado ao seu espaço inicial europeu, a partir do qual se deverão traçar as novas relações.

Pós-colonialismo designa assim um processo global com alguns dados comuns: *hibridéz*, *fragmentação* e *diversidade* são algumas das palavras que os críticos encontraram para descrever esta comum condição pós-colonial de onde emergem a multiplicidade de histórias e de perspectivas que hoje nos explicam e imaginam.

Em Portugal, com o 25 de Abril de 1974 outro *andamento* começava. Como escreveu Luís de Sousa Rebelo, com ele findava o Portugal colonizador, cuja fisionomia começara a desenhar-se no final do século XIX e condicionaria toda a política portuguesa. “Os grandes acontecimentos que marcaram a vida portuguesa desde então – o regicídio, a Primeira República, a participação de Portugal na Primeira Grande Guerra, o Estado Novo e o seu derrube”, ou seja, o 25 de Abril de 1974 – apresentam todos eles, e nas suas diferentes épocas, uma relação comprometida com a presença portuguesa além-mar. Mas com o 25 de Abril, em grande parte fruto da prolongada guerra que se vivia nas colónias, findava também o Portugal anti-democrático e ditatorial e por isso no caso português pós-colonialismo está intimamente ligado a pós-salazarismo/caetanismo e portanto ao início de uma vivência democrática e de exercício pleno dos direitos de cidadania. Mercê destas estruturais mudanças em todos os setores da sociedade portuguesa a ficção das duas últimas décadas tem refletido insistentemente e de forma variada sobre a questão da identidade nacional portuguesa, tentando compreender melhor a significação do que é que acabava com o 25 de Abril: o quanto do que acabava trazia em si a possibilidade de um novo *andamento* e o quanto do que terminava ficaria direta ou indiretamente presente nas várias imagens a partir de então projetadas. Neste vastíssimo *corpus* se insere, numa posição destacável, o romance de Helder Macedo, *Partes de África* (1991).

Ao contrário do que tem vindo a acontecer com o mais recente romance do autor, *Pedro e Paula* (1998), *Partes de África* (1991) foi um livro relativamente pouco estudado pela crítica portuguesa da altura. Assinalem-se no entanto as notáveis exceções de Maria Alzira Seixo que, numa interessante leitura, coloca *Partes de África* em diálogo com a poesia de Helder Macedo em *Viagem de Inverno*, para além de sublinhar a importância das figuras de oposição, coincidência e contradição na construção do texto do romance, o que nos indicia algo de muito

relevante para a análise da estrutura da própria obra, e de Júlio Conrado que, numa estimulante recensão, considera o livro marcante no panorama ficcional português, chamando a atenção para a originalidade do texto em vários aspectos temáticos e formais, de que sublinho a fragmentação e a “consagração da importância da Língua Portuguesa no mundo”. Mas foi de fato a crítica brasileira que rendeu homenagem a *Partes de África*, explorando algumas das linhas de leitura que o romance sugere. Dentro dessas leituras apontaria as três linhas que me parecem mais importantes: uma que explora a articulação do romance com o Romantismo português e em particular com *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, seguida por Teresa Cristina Cerdeira da Silva; uma outra que procura os laços com o lado brasileiro pelas linhas e entrelinhas do romance, em que é afluída a figura tutelar de Machado de Assis, explorada por Tânia Franco Carvalhal; finalmente a que lhe busca as referências africanas sugerida por Laura Cavalcante Padilha ora em “*Partes de África*, a sedução de um caderno de mapas”, ora colocando a obra de Helder Macedo em diálogo com a de Mía Couto em “Por Terras de África com Helder Macedo e Mía Couto”. De referenciar também, pela leitura política que oferece da obra, é o estudo de Vilma Arêas e as reflexões de Cleonice Berardinelli, Teresa Cristina Cerdeira Silva e Maria Lúcia Dal Farra que, partindo de diferentes perspectivas, refletem sobre a questão dos gêneros literários que *Partes de África* problematiza ao sugerir como processo de tessitura do texto, de construção narrativa e de definição de estilo a “teoria do mosaico”, que o autor/narrador expõe nas primeiras páginas do livro, mas não sem antes ter seduzido o leitor num jogo de leitura sobre o qual propõe um pacto de referenciação ironicamente camonianiana.

Explico: quando se tira um pedacinho dum mosaico, não se percebe, olhando só para o pedacinho, que faz parte do nariz e por isso pode perfeitamente passar a fazer parte de qualquer outra imagem para que seja necessário, mesmo num mosaico sem nariz. [...] Faço por isso voto solene de que irei trazendo para este meu mosaico todos os pedaços necessários para nariz, olhos, dentes, orelhas, boca, só que não obrigatoriamente nesta ordem e nem sempre pertencentes ao reflexo fictício do mesmo rosto. E terá de ser o leitor a encontrar os espaços mais adequados para colocá-los, segundo o amor que tiver.

Escrito num tom simultaneamente irônico e nostálgico e num estilo “oblíquo e dissimulado” descendente original da “nobre tradição

de dizer alhos para significar bugalhos”, que mais não são que reflexos diferentes da mesma coisa, *Partes de África* inicia-se como um romance em que o narrador, sob o signo garrettiano do “poeta em anos de prosa”, se identifica com o autor em férias sabáticas da sua Catedral Camões em Londres. Após uma irônica contemplação filosófica da paisagem e uma séria descida à “galeria das sombras” da casa dos seus pais, onde fotografias evocam grande parte do colonialismo português do último império, Helder Macedo decide, à Garrett, iniciar a sua “grave viagem”. Desde logo é apresentada a sua família literária – Camões, logo na epígrafe, Bernardim e Garrett, para além de Sá de Miranda, Cesário, Sá-Carneiro, Pessoa, Machado de Assis e tantos outros que surgem expressamente ao longo do livro ou no próprio tecido textual – e sobretudo a sua família afetiva, a figura do pai e a S. e depois, ao longo do livro, a mãe, o irmão, os amigos do “Gelo”, os amigos de Londres, Rui Knopfli e Eugénio Lisboa, David Mourão-Ferreira, Cardoso Pires entre outros que, de uma forma ou de outra, entrarão nesta viagem pelas *partes de África*.

A novidade que este livro nos traz prende-se tanto com a revisitação do império numa perspectiva verdadeiramente pós-colonial como com a própria construção do corpo narrativo em que se tecem, com ironia e com dor, os fragmentos dos percursos vividos, com vista à elaboração de um mosaico não imediato que, como acima vimos, resulta de um estimulante jogo com o leitor, a quem o narrador/autor apresenta por contigüidade, encaixe ou colagem fragmentos diversos, afinal as partes de África que preencheram durante décadas a sua e a nossa realidade. Resultantes da memória e imaginação do autor, que no plano ficcional se combinam, fazendo afluir ao texto personagens reais da sua biografia e ficcionais, Helder Macedo propõe-nos em capítulos autônomos um conjunto de situações vividas ou ficcionadas em África e em Portugal, de onde todos nós, de uma forma ou de outra, emergimos: nele desfilam quadros da vida colonial em que personagens grotescas e obsessivas nos confins do império faziam o seu pequeno mundo, real ou imaginário, girar ao seu ritmo e capricho, despotismo e desgraça ao mesmo tempo que outros se empenhavam na construção real do império; episódios marcadamente autobiográficos da sua infância e adolescência em África e mais tarde em Lisboa com os amigos, pelos cafés e bares de Lisboa dos anos 50, zelosamente vigiados pela PIDE; o exílio em Londres, onde lhe chegam ecos das angústias da guerra colonial e numa manhã, por telefone, a revolução de 25 de Abril

de 1974; a passagem pela Secretaria de Estado da Cultura no governo Pintassilgo e as visitas aos novos países africanos. Percebemos então que a imagem pictórica da “galeria das sombras”, que de início nos é apresentada como inspiradora da memória do autor, vai sendo iluminada, projetando-se nos vários capítulos que compõem o livro, constituindo-se assim o “mosaico de sombras”, sobre as quais o autor/narrador foi realizando a sua viagem entre os “mapas [que] já se mudaram, trocados por outros os nomes dos sítios e mantidos os nomes dos sítios mudados”. Entre estes fragmentos inscreve-se a história de “Um Drama Jocososo”, atribuída a Luís Garcia de Medeiros, um ser em trânsito pela Lisboa dos anos 50 e que se torna personagem do romance. Tendo por base o *libretto* de “Don Giovanni”, o transposto drama salazarista de “Um Drama Jocososo”, reflete, de forma mais tradicional, as “sombras” apresentadas nos capítulos, como se de um espelho de ficcionalização se tratasse, projetando imagens refractadas e portanto diferentes, mas reflexos da mesma coisa. Desde a câmara escura sabemos que a imagem captada é a imagem invertida do que vemos. Metaforicamente falando daí resulta que “Um Drama Jocososo” se constitui como a imagem invertida da “galeria das sombras” ou o seu “espelho irônico”, da mesma forma que a “galeria das sombras” pode ser vista como o “espelho sério” do drama salazarista. Como estratégia que pretende refletir as “sombras” anteriores, o encaixe desta história no romance cria dois planos narrativos: um que despreziosamente o vai contextualizando, composto pelo “mosaico das sombras” e o contexto, a história de “O Drama Jocososo”, que as reflete. Ligações temáticas e convergências semânticas unem estes planos narrativos, mas são sobretudo as imagens reflectidas – das “sombras” na história de “Um Drama Jocososo” e da história de “Um Drama Jocososo” nas “sombras” – que os interligam dando coesão a uma obra aparentemente desconexa, constituindo-se assim as duas “partes” (da estrutura narrativa e da temática nelas veiculada) como “espelhos distorcidos” uma da outra. Será “a aparente falta de unidade desta obra” “funcionalmente deliberada”, como se interroga o autor/ narrador de *Partes de África* enquanto leitor crítico de *A Brasileira de Prazins*? Em relação a *A Brasileira de Prazins* o crítico esclarece-nos:

Julgo assim possível que, de um modo aliás equivalente ao que algures sugeri ter sido feito por Garrett nas *Viagens na Minha Terra*, também n’*A Brasileira de Prazins* a falta de unidade narrativa seja um modo de significar a sua unidade temática, manifestada numa série de convergências semânticas (...)

Estaremos então diante de *Partes de África* perante um livro em dois livros, um romance à século XVIII, à Garrett ou à fragmentação pós-modernista?

A articulação romanesca dos dois eixos narrativos sugere-nos uma obra estruturalmente dupla, mas que na verdade não se encerra na sua duplicidade. Ela aponta-nos antes para uma via alternativa construída pela imagem terceira em que as duas histórias se projetam, produzindo algo de diferente “como nos espelhos”. Ora, este edifício romanesco, laboriosamente delineado pelo autor/narrador em conversa cúmplice com o leitor, reflete por sua vez a postura filosófica de um autor/narrador que não se satisfaz com as oposições ou os contrários em que está arquitetado o mundo dos mapas reais e imaginados em que se traçaram os percursos individuais e coletivos. Nesta viagem, a tutelar figura do pai do autor/narrador, alto funcionário colonial nas várias terras africanas que então compunham o império português, emerge como uma referência moral de retidão, mas também de ressentida discordância entre o passado e a lei, que o pai representava, e a geração do narrador que assiste ao crepúsculo do império e que se rebela contra a lei. Aí se encontram os binômios pai/pátria, colonizador/colonizado, poder/impoder, opressor/oprimido em que se estruturam os mundos questionados ao longo da narração na procura de um terceiro termo que resolva a incomunicabilidade – do filho e do pai, metáfora da incomunicabilidade entre os mundos divididos em binômios que se excluem. Agora, a meio do seu percurso, o autor/narrador verifica que nenhum convenceu o outro da sua razão: concertada e epocal, a do pai, irreverente e ansiosa, a do filho. Na verdade, ambos se completaram na imagem refletida do outro, imagem afinal da reconciliação dos mundos sugerida, via Camões, na sua proposta de celebração épica do império numa visão de harmonia do mundo do fim dos impérios, para a qual o pai contribuiu a seu tempo como construtor do império, de que ele, filho, é herdeiro como cidadão de uma portugalidade espalhada pelas partes que afetiva e culturalmente o (e nos) constituem – Portugal, África e Brasil, na presença tutelar de Machado de Assis.

Sobre isto nos fala o autor de *Partes de África*, num texto de caráter biográfico escrito numa outra língua que por razões da vida se lhe foi tornado familiar: “In other words, my Portuguese language is African, Brazilian and European. My “Portugueseness” includes being African and Brazilian.” Sobre a gestação destas diversas construções identitárias fala-nos também o autor de *Partes de África* num outro registo,

enquanto ensaísta, num texto luminoso que constitui parte do capítulo 17, intitulado “Reconhecer o desconhecido”. Nele se analisa a aparente paradoxal problemática contida no título em relação aos textos da literatura quinhentista que revelam o início do alargamento da identidade portuguesa, e cujo olhar se vai estendendo em muitos aspectos até aos finais do império, mas também se vai moldando aos novos tempos e reelaborando identidades. Ficção, autobiografia fingida, ensaísmo, poesia, África, Portugal, o mundo, tudo “a partir de mim”, sem definição de fronteiras, nostalgias colonialistas, ajuste de contas, cobranças ou pagamento de dívidas, mas reconciliação e vivência das “Partes”, na certeza irônica mas também dolorosa de que “a flor é a dor da raiz”, como já nos dizia Junqueiro.

Com o seu “narrador interventivo identificado com o autor” em conversa cúmplice com o leitor, com a sua ironia que nos leva tantas vezes ao gesto pouco comum de nos rirmos tragicamente de nós próprios, este texto de “fronteiras ausentes” num sentido temático e formal surgia na ficção portuguesa do início dos anos 90 como “inclassificável”, como dizia Garrett, não sem alguma vaidade, das suas *Viagens na Minha Terra*, que de fato conservam um lugar à parte no nosso Romantismo, como nos esclarece a grande estudiosa de Garrett, Ofélia Paiva Monteiro. Também *Partes de África*, quer pela sua estrutura, quer pelo seu conteúdo, quer ainda e sobretudo pela diferente e inovadora perspetivação da memória da relação entre África e Portugal introduz uma significativa diferença. Na dicotomia de centros e periferias – em que Boaventura de Sousa Santos nos concedeu o estado intermédio – o romance não se encaixa. Não é, no sentido da crítica pós-colonial, um “the empire writes back to the centre” na expressão de Salman Rusdhi, nem um “Out of Africa”, na expressão de Plínio o Velho, trazida para a modernidade pelo célebre livro de Karen Blixen. *Partes de África* transmite-nos antes um olhar excêntrico: que vem de África, mas que não se transveste de africano porque é europeu, e que olha para Portugal simultaneamente do centro e da periferia africana em que se formou. Assim sendo, Portugal é uma parte de África e África é uma parte de Portugal e é esse o “sentido marítimo desta hora”. E é nesta mobilidade genuína que se encontra a portugalidade espalhada que deveria caracterizar a pós-colonialidade política e literária em que Portugal não seria mais centro nem fronteira. É essa característica que encontramos em *Partes de África* e penso que de forma inovadora na ficção portuguesa, que normalmente se fixa num centro de visualização ou

nas periferias e quando viaja vai de um ponto ao outro, não adquirindo muitas vezes o sentido homérico da viagem. Viajar é desde então um percurso que um homem faz e ao longo do qual entra em diálogo com os outros, que é sempre uma forma de entrar em diálogo consigo. Quando o viajante narra o seu percurso, registra as vozes e os diálogos que vai ouvindo e travando com os homens e com os espaços, descreve as sensações e emoções que vai sentindo, passa a sujeito da ficção que ele próprio criou e a pertencer ao espaço em que se moveu.

É portanto na via mais sinuosa, mas também mais estimulante, da procura da *terceira margem do rio* de que falava Guimarães Rosa, que *Partes de África* inscreve África e Portugal na ficção contemporânea. Sem fugir ao lado melancólico, memorialista e autobiográfico que impregna a nossa ficção sobre África, mas tratando-o de outra maneira, manifestando-se como fiel herdeiro da melhor tradição literária de língua portuguesa sem se deixar imobilizar por ela, mas antes com ela dialogando em termos contemporâneos, *Partes de África* acusa o nosso crescimento coletivo enquanto nação pós-colonial num sentido político e literário. Com ele se assinala que “já chegou o tempo do fim dos impérios” e que esse “pós-imperialismo se pode tornar na consequência positiva de ter havido impérios”. Penso que foi este um dos aspectos que mais terá seduzido os críticos brasileiros, que como acima expus, leram o romance por uma via da herança portuguesa, lhe reconheceram uma alma brasileira e o articularam com uma vertente africana, definindo-se assim o “território de caça” de Helder Macedo e do pós-colonialismo literário, como o espaço transnacional da língua portuguesa. Como conclui Teresa Cristina Cerdeira da Silva:

Se não há esquecimento possível para a opressão e as perdas, se não há esquecimento possível para os esquecimentos e os silêncios impostos, há que se assinalar que, hoje, como nos diz o narrador dessas *Partes de África*, um poeta grande de Moçambique guarda, com toda propriedade, em seu passado, a marca indelével do outro grande que na mesma língua construiu *Os seus Lusíadas*, transformado em objeto de fascínio onde as fronteiras políticas importam indiscutivelmente menos que a força das não-fronteiras ou as “fronteiras ausentes” que a cultura sabe inventar. É essa a possibilidade de ler também, no passado, a construção “dos novos países a haver”. Erramos ambos/ acertamos ambos seria, quem sabe, uma outra forma – certamente mais generosa – de dialogar com os mestres, com o pai, com a pátria.

Após o tempo de uma ordem do mundo dividido em binômios tão exaustivamente explorada pelo pensamento colonialista e virada do avesso pela crítica anti-colonialista, estamos agora no momento de viver as “conseqüências positivas de ter havido impérios”, um tempo de mestiçagem cultural comum a vários países. Ele recompõe e reajusta o passado, que às vezes ainda nos incomoda, mas que também nos comove, e permite-nos usufruir dessa magnífica variedade de que todos somos herdeiros e que se escreve em língua portuguesa. Já João de Barros, o cronista da fundação do império, na introdução à sua *Gramática* de 1539 previa que as armas e os padrões seriam coisas que o tempo iria destruir, mas que a língua portuguesa ficaria como testemunho da viagem e do encontro, da violência e da partilha. Seria esta a resposta, dada muitos séculos antes, à célebre questão de Bachelard sobre o que permanece do passado histórico, pois *do passado histórico só permanece aquilo que tem razões para recomeçar*, como concluiu o filósofo. *Partes de África* termina abrindo para um retorno ao início – “o último capítulo remete ao primeiro” – pois tudo parecia estar contido no princípio. Mas o momento de regresso não é igual ao da partida. Entre eles inscrevem-se *partes* do trânsito que é a vida, *partes* de nós.

Partes de África é um livro fundamental para nos situarmos hoje em dia, enquanto construtores de uma nação pós-colonial na procura dos contornos de uma forma de estar, conosco e com os outros, em que a *hibridez* é uma condição, a *fragmentação* uma forma de estar, assumida sem angústias de totalidades e a *diversidade* uma riqueza capaz de traçar os espaços de “fronteiras ausentes”, que a partir das heranças e da cultura se controem e sobre os quais se projetam as diversas identidades de um espaço transnacional, culturalmente definido pela língua em que se escreve.

Referências Bibliográficas

- ARÊAS, Vilma. Em forma de fivela. *Remate de Males*, Campinas, 12, p.27-32, 1992.
- BARBAS, Helena. Secção Livros – O Melhor. *O Independente – O Caderno*, Lisboa, p.27, 3 Janeiro, 1992.
- BERARDINELLI, Cleonice. Nas dobras do texto. *Remate de Males*, Campinas, 12, p.15–22, 1992.
- BARREIRA, Cecília. Anti-romance a ler como romance. *Diário de Notícias*, Lisboa, p.8, 10 Novembro, 1991.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Partes de África: Mosaico de Vida e Ficção. Scripta*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.163-167, 2º semestre, 1997.
- CARVALHO, António. DN entrevista José Eduardo Agualusa. *Diário de Notícias – DNA*, Lisboa, p.12-17, 15 Agosto, 1998.
- CLEMENTE, Ir. Elvo. Helder Macedo e o Ensaio. In: CARVALHAL, Tânia Franco, TUTIKIAN, Jane (Org.). *Literatura e História*. Três vozes de expressão portuguesa, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999, p.85-89.
- CONRADO, Júlio. *Partes de África. Colóquio-Letras*, Lisboa, 129-130, p.260-261, Julho/ Dezembro, 1993.
- COSTA, Cecília. Escritor português desnuda com ironia os horrores do colonialismo. *O Globo*, “Prosa & Verso”, p.2, 14 Agosto, 1999.
- COSTA, Cristiane. Império Tragicômico. *Jornal do Brasil*, 4 Setembro, 1999. Documento eletrônico: <http://www.jb.com.br/ideias.html>
- CRUZ, João Roberto Maia. Nós verdadeiros dos laços fingidos – Uma leitura de *Partes de África*. *Boletim do SEPESP*, Rio de Janeiro, v.6, p.239-255, Setembro, 1995.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Partes do Eu e de África. *Remate de Males*, Campinas, 12, p.23-26, 1992.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Epitáfio para a metaliteratura. *Vértice*, Coimbra, 53, p.117-120, Março/Abril, 1993.
- FLORY, Suely. De autores, narradores e leitores: a construção do mosaico em *Partes de África* de Helder Macedo. In: CARVALHAL, Tânia Franco, TUTIKIAN, Jane (Org.). *Literatura e História*. Três vozes de expressão portuguesa, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999, p.67-75.
- LISBOA, Eugénio. O Império Revisitado (entrevista a Helder Macedo). *Jornal de Letras*, Lisboa, p.8-9, 12 Novembro, 1991.
- LOOMBA, Ania. *Colonialism/ Postcolonialism*. London/New York: Routledge, 1998.

- LOURENÇO, Eduardo. Pessoa o los tres viajes. *Revista de Occidente*, Madrid, 94, p.27-42, Marzo, 1989.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo: existência e literatura*. Lisboa: Presença, 1994.
- MACEDO, Helder. As *Viagens na Minha Terra* e a Menina dos Rouxinóis. *Colóquio-Letras*, Lisboa, 51, p.15-24, 1979.
- MACEDO, Helder. National language and literature – a personal perspective. *Pen International*, 2, v.XL, p.35-37, 1990.
- MACEDO, Helder. *Partes de África*. Lisboa: Presença, 1991.
- MACEDO, Helder. As Ficções da Memória. *Remate de Males*, Campinas, 12, p.9-13, 1992 (a).
- MACEDO, Helder. *A Brasileira de Prazins*; fragmentação e Unidade. *Colóquio-Letras*, Lisboa, 125/126, p.25-30, Julho/ Dezembro, 1992 (b).
- MACEDO, Helder. A Partir de Mim. in: CARVALHAL, Tânia Franco, TUTIKIAN, Jane (Org.). *Literatura e História*. Três Vozes de Expressão Portuguesa. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999, p.147-152.
- OLIVEIRA, Maria Fernanda. Prosa em tempo de poesia: uma leitura especular de *Partes de África*, de Helder Macedo. *Quinto Império*, Salvador, 10, p.37-52, Dezembro, 1998.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Partes de África: a sedução de um caderno de mapas*. In: CARVALHAL, Tânia Franco, TUTIKIAN, Jane (Org.). *Literatura e História*. Três vozes de expressão portuguesa, Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999, p.77-84.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Por terras de África com Helder Macedo e Mia Couto. *Veredas*, Porto, 1, p.243-259, 1998.
- PAIVA MONTEIRO, Ofélia. Garrett. in (Org. Machado, A. M.) *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa, Presença, 1996, p.212-219.
- POLLACK, Isle. Olhares Portugueses sobre África. In: EARLE, T. F. (Org.). *Actas do V Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. Coimbra/Oxford: Lidel, 1998, p.1269-1279.
- SEIXO, Maria Alzira. Viagens: das Áfricas e do Inverno. *Jornal de Letras*, Lisboa, p.24-25, 29 Março, 1995.
- SILVA, Marisa Corrêa. *Partes de África: cartografia de uma identidade cultural portuguesa*. Assis-SP: Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, 1998. (Tese de doutorado)
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Partes da minha terra: romances em eco no avesso das viagens portuguesas. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, 10, p.99-104, 1993.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. O mosaico como ordenação do caos. In: SANTOS, G., SILVEIRA, J.F., SILVA, T.C.C. (Org.). *Cleonice Clara em sua Geração*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995, p.637-644.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. Partes da minha terra: romances em avesso das viagens portuguesas. *O Averso do Bordado*. Lisboa: Caminho. (no prelo).
- SOUSA REBELO, Luís de. Os diálogos da identidade no fim do século. *Tesseræ – Journal of Iberian and Latin American Studies*, Cardiff/ University of Wales, v. 1, p.21-33, Winter 1994.
- VEIGAS, Francisco José. *Partes de África*, Helder Macedo. *Ler*, Lisboa, 17, p.86, Inverno 1992.